

CURSO DE GEOGRAFIA

MINERAÇÃO E PRODUÇÃO TERRITORIAL DE GOIÁS

ELLEN KARINE GOMES AMORIM

PIRES DO RIO-GO
NOVEMBRO/2017

ELLEN KARINE GOMES AMORIM

MINERAÇÃO E PRODUÇÃO TERRITORIAL DE GOIÁS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás Câmpus Pires do Rio, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia, sob orientação do Prof. Dr. Júlio César Pereira Borges.

PIRES DO RIO-GO
NOVEMBRO/2017

ELLEN KARINE GOMES AMORIM

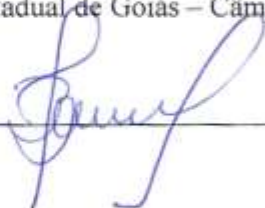
**FORMAÇÃO TERRITORIAL DE GOIÁS NO CONTEXTO DA MINERAÇÃO
COLONIAL**

Esta monografia foi avaliada e aprovada como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciada em Geografia.

Pires do Rio-GO, 07 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Professor Orientador: Dr. Júlio César Pereira Borges.
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Pires do Rio-GO



Professor Examinador: Dr. Fábio de Macedo Tristão Barbosa.
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Pires do Rio-GO



Professora Examinadora: Dra: Cleusa Maria da Silva.
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Pires do Rio-GO



Dedico este trabalho a minha família e principalmente a minha mãe que me deu força e apoio nos momentos mais difíceis dessa jornada. Tiveram alguns momentos que pensei em desistir, mas ela estava sempre lá me incentivando a seguir em frente, colaborando para a realização deste trabalho. Dedico também ao meu orientador, Prof. Dr. Júlio César Pereira Borges, que muito me auxiliou durante toda essa etapa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem ele nada teria me permitido. Agradeço por ter me guiado ao caminho certo, dando força para continuar mesmo nos momentos tão difíceis, e ter me capacitado a chegar até aqui, porque sem ele, eu nada seria.

Aos meus familiares que sempre acreditaram que eu era capaz, e desejam sempre a minha vitória. Esses sim são meu impulso a querer chegar até aqui. Minha mãe Luciene, minha irmã Káryta e meus avôs, principalmente meu avô Amaral, que nos deixou nesse momento, em que eu escrevia meu trabalho. Foi uma grande perda, pois representava um pai para mim. Mas onde quer que ele esteja estará sempre em meu coração, dando-me forças para continuar nessa jornada.

Ao meu orientador Prof. Dr. Júlio César Pereira Borges, que foi um exemplo a ser seguido, que reconheceu todas as minhas dificuldades, mas acima de tudo sempre acreditou que eu seria capaz, me dando força para superar minhas barreiras.

À Universidade Estadual de Goiás- Campus Pires do Rio, pela grande oportunidade de estudo e suporte oferecido para que eu pudesse concluir meu curso.

E aos meus colegas de sala, principalmente à nossa colega Camila que nos deixou no segundo ano de curso, uma pessoa dedicada, esforçada, e acima de tudo maravilhosa, que me ensinou muito sobre a vida. Que lá de cima, ela possa compartilhar nossa vitória, pois também é uma grande vencedora.

“Se atentamente ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que hoje te ordeno o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra. Virão sobre ti e alcançarão todas estas bênçãos: Bendito serás tu na cidade e bendito serás no campo. O senhor fará que sejam derrotados na tua presença os inimigos que se levantarem contra ti; por um caminho, sairão contra ti, mas por sete caminhos, fugirão da tua presença”. (DEUTERONÔMIO 28; 1 ao 7).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir a questão da mineração e a produção do território goiano no período colonial ao qual deu início a jornada de desenvolvimento econômico, social e cultural do estado de Goiás. A mineração trouxe uma contribuição significativa no processo de formação do território goiano. Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica que possibilitou entender como a mineração colonial está presente na economia e na cultura goiana, assim como, na estrutura territorial de Goiás atual. Tal representação encontra-se cravado na paisagem, como é o caso de Pirenópolis e Cidade de Goiás, que na atualidade são símbolos e signos do passado colonial brasileiro, principalmente no que tange a atividade mineratória em Goiás.

Palavras chaves: Mineração Colonial. Paisagem. Território Goiano.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1 – Arquitetura barroca do período colonial.....	18
Foto 2 – Suntuosidade da igreja, nas cidades do ouro	19
Foto 3 – Estrutura típica de uma cidade de mineração colonial em Goiás	19
Fotos 4, 5, 6 e 7 – Impactos desastrosos causados pelo rompimento da barragem de rejeitos da Fosfértil, em 2004, nas propriedades locais (A), roças camponesas (B), matas ciliares e córregos (C) e na fauna aquática (D).....	37
Mapa 1 – Capitania e Província de Goyaz	16
Mapa 2 – Goiás – Tocantins: formação territorial – 1750 – 1990.....	25
Mapa 3 – Goiás – Tocantins: fatores do povoamento/urbanização	27
Mapa 4 – Estado de Goyaz – divisão territorial e população total: 1907	30
Mapa 5 – Goiás: Legendas Espaciais dos Grandes empreendimentos de mineração – 2013.....	33
Mapa 6 – Mineração e impactos socioambientais em Goiás.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 PAISAGEM DO TERRITÓRIO GOIANO NO PERÍODO DA MINERAÇÃO	11
1.1 Paisagem e Geografia: uma conceituação	11
1.2 Paisagem de Goiás no Período da Mineração Colonial.....	14
2 FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO NO PERÍODO DA MINERAÇÃO	21
2.1 Território e Geografia: uma conceituação	21
2.2 Mineração Colonial e Formação Territorial de Goiás	24
2.3 A Crise do Ouro e Impactos Territoriais em Goiás	28
3 A MINERAÇÃO NA ATUAL FORMAÇÃO TERRITORIAL GOIÁS.....	32
3.1 O Atual Quadro da Mineração em Goiás.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Após a descoberta de minas de ouro no centro do país em meados do século XVII deu início ao processo de expansão colonial no interior do território brasileiro. Isso implica dizer a partir da atividade aurífera houve o surgimento de um sistema de economia em Goiás baseado no desenvolvimento dessa atividade. Foi com a extração mineral que o processo de desenvolvimento da região foi acontecendo, trazendo mudanças significativas na paisagem e no território goiano.

Foi na tentativa de entender esse processo, ou seja, como a atividade mineratória colonial atuou na formação do território goiano. Para isso, primeiramente buscou-se compreender como essa atividade ao adentrar o território goiano e gradativamente alterou a paisagem de então. Nesse sentido, fez-se uso de referências bibliográficas que retrata o assunto, o que foi complementada por mapas que mostram a formação de pequenos centros urbanos que sustentavam a produção mineratória em Goiás. O que está posto é que a principal mudança na paisagem goiana determinada pela mineração colonial foi o surgimento de Arraiais e Vilas no que antes era um território sem tais estruturas, ocupados apenas por aldeias indígenas e uma irrisória pecuária extensiva.

Num segundo momento discutiu-se sobre o impacto da mineração colonial na formação do território goiano. Nessa condição foi destacada as dimensões econômicas e políticas que surgiram sob comando dessa atividade em Goiás. Para tanto, fez-se inicialmente uma discussão teórica sobre a categoria território no pensamento geográfico e posteriormente foram apontados elementos decisórios que encaminharam o desenvolvimento de Goiás sob a égide da mineração. Num segundo momento discutiu-se a crise da mineração e os impactos territoriais em Goiás, destacando que a crise do ouro não significou a decadência goiana.

Na terceira parte foi feita uma discussão sobre a mineração na atualidade em Goiás, destacando a sua estrutura de megaprojetos capitalistas; sua pujança no cenário econômico e político de goiano e brasileiro; sua espacialização no território, pela via do uso de mapas os quais destacaram a importância da região Norte no cenário dos megaprojetos; por fim, destacou-se os impactos socioambientais causados pela mineração, os quais, leva ao questionamento da importância ou até mesmo da necessidade desta atividade.

Destaca-se que, após realizada a pesquisa o texto a seguir retrata a visão do pesquisador sobre o assunto pesquisado. Este buscou cumprir com os princípios da economia de respeito à ciência geográfica, a qual está filiada a pesquisa, respeito à sociedade, a qual tem-se a esperança de chegar esse trabalho e, por fim apresenta o papel político da pesquisa e

da pesquisadora, que sob o direcionamento de seu orientador, buscou-se à fazer uma leitura informativa e crítica da questão da mineração em Goiás. Diante a essa perspectiva, espera-se ter cumprido o compromisso com o curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás e com o merecimento do título de graduada em Geografia, a qual dediquei meus últimos 4 anos de vida e espero dedicar o restante dela.

1 PAISAGEM DO TERRITÓRIO GOIANO NO PERÍODO DA MINERAÇÃO

Para compreender a paisagem do território goiano no período da mineração colonial, é preciso destacar que buscaremos evidenciar a formação de Arrais e Vilas, assim como, caminhos e estradas criadas para atender essa atividade. Nesse sentido, foi evidenciado pela via de mapas e imagens marcas da representação as alterações feitas pela mineração na paisagem do território goiano no período colonial.

A partir dessa perspectiva é importante enfatizar que a história da mineração em Goiás remonta ao início do século XVIII, com a chegada dos bandeirantes vindos de São Paulo, atraídos pelas minas de ouro. Tais descobertas surgiram após incursões que se aprofundaram pelo território goiano e foram construindo uma estrutura social diferenciada esperada desde o início das atividades exploratórias que, no caso de Goiás, foi a descoberta de metais preciosos.

Nesse sentido, pode-se apontar que o processo de desenvolvimento do território goiano teve como ponto de partida a formação econômica que está intimamente relacionada com a mineração nos séculos XVIII e XIX. Nessa perspectiva, é compreensível o entendimento de que a paisagem transformada pelo homem se tornou um dos principais elementos na formação do território goiano, refletindo em uma representação da realidade naquele momento.

Porém, há de se entender que a paisagem como elemento fundamental para a interação entre o homem e a natureza deve ser analisada a partir de suas diferentes contextualizações e conceituações, visto que o termo paisagem adquire forte importância nos debates que foram desenvolvidos ao longo do século XIX, principalmente no que se refere a Geografia, ciência qual está vinculada essa pesquisa.

1.1 Paisagem e Geografia: uma conceituação

Inicialmente, enfatiza-se a trajetória que o conceito paisagem adquire ao longo da construção da história e sua importância para a Geografia como instrumento para concepção do pensamento geográfico. Como já analisado e de acordo com várias informações e debates, pode-se dizer que o termo paisagem já vem sendo utilizado a diversos anos, como destaca Venturi (2004):

O conceito paisagem surge por volta do século XIV, quando ocorre um distanciamento entre o homem e a natureza e a possibilidade de domínio técnico suficiente para poder apropriar-se e transformá-la [...]. Foi no século XIX que ocorreu a transformação do conceito paisagem, com os naturalistas alemães, dando-lhe um significado científico transformando-se em conceito geográfico, derivando-se em paisagem natural e paisagem cultural. (p.94).

Nesse sentido faz-se uma conceituação que remete a ideia de que a paisagem está em uma rede de relações entre o natural, o econômico e os aspectos sociais, pois influencia no direcionamento da construção desses fatores. Entende-se que na realidade concreta da paisagem surgem também novas perspectivas e propostas de variadas análises de estudo.

Como foi citado, a paisagem em meados do século XIX, foi abordada como descrição que buscava entendê-la através de uma função natural, como enfatiza Christofolletti (1999):

Essa abordagem descritiva mostra que em sua fundação estético descritiva a palavra paisagem teve seu desenvolvimento inicial relacionado com o paisagismo e arte com jardins. A partir de então, a mesma começa a ganhar várias conotações nos diversos países europeus [...]. (p.19).

Sobre essa perspectiva até então a categoria paisagem inicialmente estava ligada ao naturalismo, mas que por consequência logo abriu novos debates que buscavam a compreensão científica do termo, nos quais enfatizam-se definições que integram os aspectos físicos e sociais.

A partir dessa percepção que foram sendo construídos discursos sobre paisagem na Geografia, nos quais começaram a associar diversos elementos da natureza e da ação humana, fazendo com que a natureza seja percebida e apropriada pelo homem para construção de relações que por consequência, refletem na formação social, cultural e econômica. Assim Sauer (1998) define paisagem sendo:

Uma área composta por associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais onde sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes, ou seja, a paisagem corresponde a um organismo complexo, feito pela associação específica de formas e apreendido pela análise morfológica, ressaltando que se trata de uma interdependência entre esses diversos constituintes, e não de uma simples adição e que se torna conveniente considerar o papel do tempo. (p.13).

Segundo o exposto percebe-se que o autor afirma que paisagem envolve elementos tanto naturais como sociais, pois de certo modo um não sobrevive sem o outro, assim a constituição da paisagem representa a junção dos recursos naturais refletindo em uma construção de vários aspectos que somam aos recursos naturais, fazendo uma integração dos fatores físicos e sociais.

Nesse sentido, a ideia homem natureza a partir de sua reação vai abrir o caminho para novas maneiras de abordar a questão da paisagem, porém Sauer (1998) também destaca:

Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o uso é de importância fundamental. (p.42).

Nesse sentido é perceptível que o homem é a principal razão das transformações que ocorrem na natureza provocando uma nova paisagem. É importante ressaltar que o homem como transformador faz com que gere diversos conceitos e fez da Geografia uma ciência responsável por construir e entender a diversidade da conceitualização de paisagem. Portanto, com a evolução dos debates acerca de paisagem, diversas correntes geográficas analisaram e conceitualizaram sugerindo uma integração entre os próprios elementos que compõem a paisagem.

A Geografia Crítica entende a paisagem como um espaço em que se reproduz lógicas econômicas e sociais, como destaca Lencioni (1999): “O espaço é interpretado nomoteticamente, apontando para as regras gerais das lutas sociais e das contradições do sistema capitalista, reproduzindo-se através das desigualdades regionais”. (p.171). Nessa perspectiva a paisagem se faz a partir de um espaço elaborado através de métodos que formula ou trata de leis gerais, ou seja, se forma a partir das relações que ocorrem no meio social em que se vive a paisagem tida como espaço.

Em contrapartida, outra vertente geográfica enfatiza a paisagem de forma mais ampla e complexa, assim a Geografia Física incorpora em seu debate o termo ecossistema substituindo paisagem, apresentando uma complexidade em suas análises. Nesse sentido, para alcançar um melhor entendimento sobre o conceito de paisagem é relevante explicar a trajetória em debates. Assim pode-se destacar em princípio que este termo é visto e estudado conforme as circunstâncias de cada época.

Da perspectiva cronológica, o conceito de paisagem pode ser refletido desde a pré-história quando se tinha uma concepção a partir do Renascimento Cultural, a questão de paisagem teve uma nova abordagem, como destaca Silveira (2004):

A partir desse momento, a paisagem começa a ter um significado diferenciado, deixando de ser apenas uma referência espacial ou objeto de observação e contemplação, ela se coloca num contexto cultural e discursivo (...). Na herança do Renascimento, a paisagem ocupa lugar na geografia quando esta se constitui como ciência no século XIX através de geógrafos alemães e franceses [...] Humboldt e Ratzel são exemplos de clássicos onde o conceito de paisagem é inserido e foi utilizado como método de análise e entendimento da superfície terrestre. (p.06).

Assim, perceber uma paisagem conseguindo compreender seu valor e sua importância no processo evolutivo de uma sociedade, se torna a partir desse momento, primordial para criar pressupostos para explicar a inserção do homem no meio. A partir dessas análises é perceptível entender que o objetivo dos estudos da Geografia frente à paisagem deve ser visto como a integração de relações entre todos os elementos que estão de um modo ou de outro, inseridos no contexto do ambiente.

Nesse sentido, percebe-se que apesar de diversas abordagens, o conceito de paisagem volta a um sentido comum, que é a relação do espaço com fatores econômicos, sociais e culturais resultantes da interação do homem com o meio. Sendo assim, Bertrand (1972, apud OLIVEIRA, 1998) entende que:

A paisagem é o resultado da combinação dinâmica, por tanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpetua evolução, numa porção de espaço, tem-se que pensar em normas legais que contemplem tanto o complexo dos elementos naturais, quanto o de elementos construídos ou ainda, de ambos, considerados na sua dinâmica e identificados como patrimônio paisagístico da coletividade. (p.63).

Portanto, segundo o exposto, a paisagem será uma síntese das relações que acontecem em um determinado espaço, ou seja, a partir das interações entre todos os elementos, sejam naturais e humanos que se constituem em fatores físicos, ou até mesmo da mentalidade. Nessa perspectiva há de se perceber que paisagem como síntese, depende do espaço para que tais relações aconteçam e em sentido, se questiona a partir de tais definições, como a proposta da pesquisa é entender a paisagem e morfologia de Goiás no período da mineração colonial, ou seja, discutir a paisagem e o enfoque das estruturas e formas.

1.2 Paisagem de Goiás no Período da Mineração Colonial

O período colonial foi marcante para construção de nossa história, porque transformou significativamente a paisagem do país. Uma característica foi predatória, que era atividade que destrói e devasta devido à exploração da madeira pau-brasil e o que resultou no esgotamento deste, advindo da intensa extração. Com a destruição da maior atividade econômica que inicialmente marcou o país, culminou com o início do desmatamento indiscriminado que destruiu nossas florestas e tantas outras paisagens.

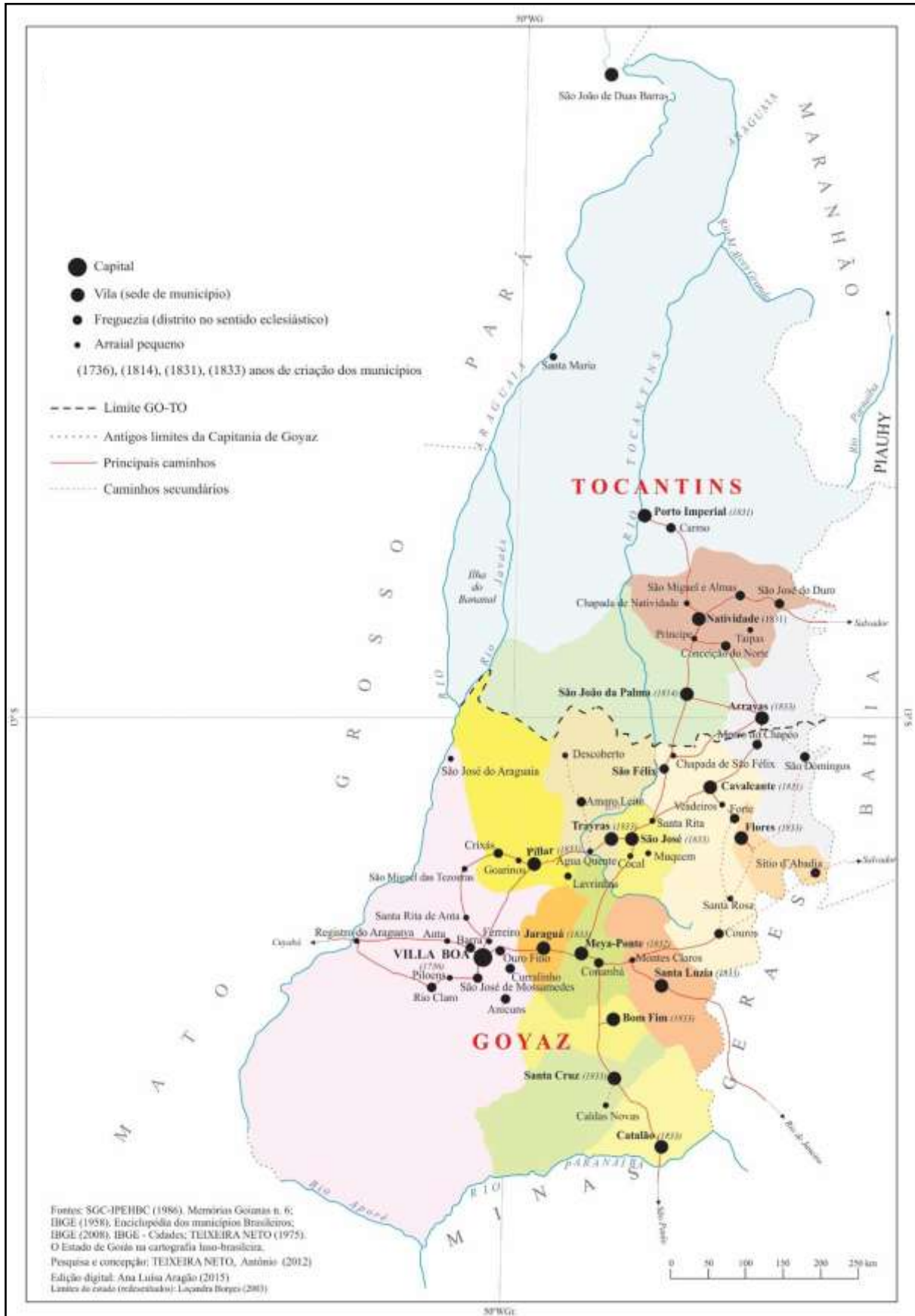
Isso refletiu na busca de variados tipos de atividades econômicas e mão de obra exploratória. Com essa expansão, várias expedições foram surgindo em busca de novas terras com paisagens favoráveis às atividades que desenvolvessem a economia e a sociedade. Nessa perspectiva, a história da formação territorial do Brasil devido à escassez de meios de atividades, as explorações portuguesas não se limitaram apenas à região litorânea do país, pois houve necessidade de buscar novos territórios.

Assim, o desbravamento inicial teve data em meados do final do século XVI, na região de Goiás, por missionários do Norte e bandeirantes do Sul. Nesse período, houve expedições para o território goiano. Assim Palacin (1994) destaca:

Em troca de isenção de impostos pela passagem dos rios da região por três gerações, e outras vantagens saem de São Paulo em 17, 22 para descobrir o que Goiás podia oferecer [...] com objetivo de novas descobertas, Bartolomeu Bueno retorna ao território goiano em 1726 onde é levantada a primeira povoação goiana. (p.22).

A partir do interesse pelo ouro a descoberta do território goiano começou a expansão do número de pessoas que buscavam povoar as terras recém descobertas, trazendo mudanças na paisagem de Goiás. Mas, percebemos que as incursões foram aprofundando pelo território goiano, motivada não apenas pelo objetivo de povoamento, mas principalmente de exploração das riquezas. Através dessa perspectiva, surgiram arraiais como enfatiza Palacin e Moraes (1994): “A primeira região ocupada foi a do Rio Vermelho, onde fundou o arraial de Sant’anna, que depois mudou de nome”. (p.11).

O fato a destacar é que a mineração espalhou Arraiais e Vilas e depois cidades por todo território goiano, os qual passou a contar com uma estrutura urbana que era interligadas por caminhos e estradas internamente e externamente, com centros comerciais do Sudeste e do Nordeste do Brasil. Condição que pode ser vista no mapa 1, que representa a rede urbana e os caminhos que interligam Goiás ao Brasil.



Mapa 1 – Capitania e Província de Goiás.

Fonte: BORGES, J. C. P., 2016.

O mapa 1 corrobora com a realidade mencionada no que diz respeito à infraestrutura criada no período da mineração colonial. A rede urbana e os caminhos demonstram a mobilidade espacial no período, dada a circulação de pessoas e mercadorias que, por sua vez, eram comandadas pela lógica da comercialização do ouro.

De acordo com Borges (2016) o Sudeste do país era o principal receptor do ouro e fornecedor de mercadorias não produzidas em Goiás. Como pode ser visto no mapa 2 os principais caminhos conduzem à referida região, precisamente Rio de Janeiro e São Paulo. A ligação com a cidade de Salvador também ganha destaque nesse período. Essa relação se dava com a parte Nordeste do estado, via Natividade, São Miguel das Almas e São José do Duro e que fazia ligação com Porto Imperial, atual Porto Nacional no Estado de Tocantins, ambos importantes produtores de materiais preciosos.

Seguindo a perspectiva de Borges (2016) e como pode ser observado no mapa 1 a dinâmica do período mineratório em Goiás havia uma concentração urbana na parte central do território, o que se devia à disposição das minas e lavras do ouro. Outro fator que delineava o surgimento de arraiais e vilas no período foram os caminhos que interligavam as minas ao Sudeste brasileiro. Na maioria dos casos, como afirma Teixeira Neto (2008), os lugares que serviam como pontos de pousos no percurso dos principais caminhos da mineração deram origem a diversas cidades. É o caso de Catalão e Santa Cruz. Segundo o autor, tais centros foram de grande importância para dinâmica mineratória em Goiás, pois serviam como suporte ao transporte de mercadorias.

Nesse sentido, pode-se perceber que a paisagem do território goiano foi sendo transformada, pelo menos nos primeiros vinte anos de mineração e quase todo Goiás foi percorrido. No entanto, é necessário ressaltar que a paisagem goiana foi sendo modificada a partir da busca de minas de ouro que o povoamento no território de Goiás expandiu, dando abertura a novas perspectivas de meios de sobrevivência, claro que em contrapartida trouxe reflexos tanto positivos quanto negativos no território goiano. Sob essa perspectiva, Chaul (2010) destaca:

Na questão demográfica, o povoamento e formação dos primeiros núcleos urbanos em Goiás deveram-se à procura e a exploração do ouro. Com a decadência da mineração muda-se a atividade econômica o que leva a população a ruralizar dedicando-se a atividades esta que a maioria da população ativa de Goiás vai trabalhar e que originou a principal fonte de renda. (p.36).

Pode-se compreender que o estado de Goiás tinha uma inexpressiva população, dispersa em um vasto território e que a grande maioria vivia no campo com pequena parcela.

Nesse momento, pode-se afirmar que o período do ouro apesar de intenso, foi bastante breve. No que se refere a herança deixada na atualidade pela mineração colonial, são as cidades históricas, com suas paisagens barrocas sobrevivem economicamente do turismo histórico, como é caso da Cidade de Goiás e de Pirenópolis, as mais conhecidas nacionalmente. As fotos 1, 2, 3 e 4 são referências da mineração colonial na atual paisagem do território goiano.



Foto 1 – Arquitetura barroca do período colonial.
Fonte: Google imagens: acesso 12 de agosto de 2017

A foto 1 mostra uma arquitetura barroca comum ao período colonial brasileiro, assim como, demonstra ruas estreitas, com calçamento em pedras, configuração que comportava bem as demandas da época, quando o principal meio de transporte era o cavalo e o carro de boi devido a não existência de automóveis. É bom destacar que essa imagem representa uma estrutura que patrimônio mundial da cultura e hoje é símbolo de uma nova atividade econômica, o turismo.

Um detalhe que a paisagem da cidade de Goiás reflete é o poder da religião no período colonial brasileiro. A igreja católica com toda sua poderosa estrutura sempre esteve aliada ao colonialismo europeu e atuou com veemência na dominação dos povos colonizados. No processo de expansão do colonialismo português no Brasil não foi diferente. Essa igreja na lógica da catequização dos nativos brasileiros foi responsável pela a aculturação e dizimação desses povos. A exemplo pode-se destacar o massacre dos Caiapós pelos bandeirantes paulistas na corrida pelo ouro em Goiás. O poder da igreja em questão está na suntuosidade das igrejas, postadas na paisagem das cidades do ouro, como pode ser visto na foto 2.



Foto 2 – Suntuosidade da igreja, nas cidades do ouro.
 Fonte: Google imagens: acesso 12 de agosto de 2017.

Na mesma perspectiva da foto 1 a foto 3 demonstra a estrutura de uma cidade da mineração colonial em Goiás, ao retratar a imagem da rua Pirenópolis, na respectiva cidade de Pirenópolis. Mais uma vez, aparece a arte barroca, a rua estreita e sinuosa com calçamento de pedras. Nessa imagem vale destacar o invisível que é o desumano trabalho dos escravos responsáveis pela construção de toda esta estrutura, já que, a mineração colonial em Goiás era escravagista. Os negros com uma vida de miséria foram responsáveis pela riqueza de saqueadores portugueses.



Foto 3 – Estrutura típica de uma cidade de mineração colonial em Goiás.
 Fonte: Google imagens: acesso 12 de agosto de 2017.

Como pôde ser visto o estudo da paisagem para os estudos de base geográfica é grande importância, pois, é possível pela via da análise de suas imagens, captar uma dada estrutura que além de refletir o visível, permite discutir o invisível que está inserido nas tramas da construção dessa estrutura. Por isso, afirma-se que a paisagem é carregada de símbolos e signos que para geografia se torna veículo de investigação. Foi nessa perspectiva que buscou-se nesse capítulo entender as marcas da mineração colonial na paisagem de Goiás.

2 FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO NO PERÍODO DA MINERAÇÃO

Neste capítulo a questão do território será enfatizada no debate, salientando a influência da mineração colonial na formação territorial de Goiás. Assim permitir uma maior compreensão sobre a economia, política e sociedade nesse contexto. Dessa forma, para termos a compreensão da importância do território é preciso uma abordagem geográfica cujo fundamento seja sua própria conceituação para demonstrar suas diferentes interpretações, abordagens e perspectivas.

2.1 Território e Geografia: uma conceituação

Em primeiro momento o território como é entendido pelo senso comum é a extensão da base geográfica do Estado sobre o qual ele exerce a sua soberania e, que compreende todo solo ocupado pela nação. Nesse sentido, o território se torna um dos principais e mais utilizados termos da Geografia, pois está relacionado aos processos de construção e transformação do espaço geográfico. Porém, sua definição é diversificada conforme o olhar e perspectiva de quem o analisa. Na perspectiva de Haesbaert (2002, p.27), por exemplo: “O território está vinculado diretamente ao poder e domínio pelo Estado nacional, de forma que conforma uma identidade tal que o povo que nele vive não se imagina sem a sua expressão territorial.” Assim, o território é visto como espaço em que as pessoas constroem o ser social através da interação do indivíduo com o próprio território.

O próprio sentido do território demonstra que também pode ser visto como domínio do poder no qual constroem a identidade de uma sociedade. Essa perspectiva se insere no contexto da Geografia Política, determinando uma área de alguém ou alguns a partir de seus interesses. Assim, podemos assinalar que a dinâmica territorial compreendida pode ter relações de fatores da sociedade, seja econômica, política e cultural, agida e vivida no espaço e com a apropriação do próprio espaço territorial, em uma vertente materialista. Raffestin (1993, p.78) afirma:

O território não poderia ser mais que o produto dos atores sociais, são eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada que é o espaço. Há portanto um processo do território quando se manifestam todas as espécies de relações de poder.

Esse poder, segundo o autor não é nem uma categoria espacial nem temporal, mas está presente em toda “produção que se apóia no espaço e tempo”. Assim, podemos entender

que o território é a expressão concreta e ao mesmo tempo abstrata do espaço em que se apropria e produz, são construídos socialmente pelo exercício do poder. Em contrapartida, Ratzel (1990, p.34) salienta que: “O território seria sinônimo de solo, mais que isso: dimensão eminentemente política cujo epicentro do poder, ou seja, cuja hegemonia e soberania se revelariam na figura do Estado-nação em sua forma plena”.

Desse modo, a expressão dos territórios é a da relevância das práticas socioespaciais que atuam direta e indiretamente no processo de transformação do espaço geográfico, sob a perspectiva também do olhar da expressão do poder. O fato é que o território é posterior ao espaço, com isso é apropriado de poder através das relações sociais. Assim, a afirmação da questão do território como instrumento de poder e dentro da concepção enfatizada pelo autor é tratado como território nacional, espaço físico. Ao se apropriar de um espaço concreto nesse sentido Raffestin (1993, p.144) entende que:

Um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação e que por consequência revela relações marcadas pelo poder (...) o território se apóia no espaço. É uma produção a partir do espaço ora, a produção, por causa de todas as relações.

A partir do exposto, a construção do território revela relações marcadas pelo poder. Assim faz-se necessário uma perspectiva essencial para a compreensão de território que é poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território dessa mesma perspectiva. Haesbaert (2002, p.38) destaca:

O território deve ser analisado por diferentes enfoques e classificados em três elementos não são mutuamente excludentes, mas integrados num mesmo conjunto de relações sócio espaciais, ou seja, compõem efetivamente uma territorialidade ou uma espacialidade complexa somente apreendida através da justaposição dessas três noções.

O território passa a ser visto como espaço delimitado e controlado onde se exerce um poder. Já na perspectiva cultural prioriza o território como produto feito através do imaginário ou identidade social, a questão econômica advém do embate entre classes sociais e da reação capital e trabalho. Saquet (2004, p.28) salienta as diferentes interpretações do conceito de território, afirmando que:

As forças econômicas, políticas e culturais reciprocamente relacionadas, efetivam um território, um processo social no espaço geográfico centrado e emanado na e da territorialidade cotidiana dos indivíduos em diferentes centralidades. A apropriação é econômica, política e cultural, formando territórios heterogêneos e fundados nas contradições sociais.

Nesse momento salienta a importância do território para formação da própria identidade social com aspectos que transformam o ser que nele vive e a partir da relação dos fatores econômicos, políticos e culturais é que nascem ou transformam a consciência humana. Portanto, compreende-se que o território é sim um espaço de poder, mas também político, econômico e cultural, assim além de caráter do poder, enfatiza-se a reação de todos que estão presentes na constituição do território. Assim é o território que a sociedade constrói sua personalidade como comunidade trazendo a formação social e a construção da cidadania. Podemos então, entender que território é para Haesbaert (2002, p.54),

O território é um espaço construído de todos os aspectos que envolvem o funcionamento legal de uma social e de seus cidadãos com enfoque do poder, poder que pode ser exercido pelos governantes eleitos como o poder daqueles que o elegem.

Sobre essa perspectiva, entende-se que o território é onde as pessoas em comunidade optam por suas escolhas, construindo opiniões e tendo atitudes que visam o bem comum compartilhando direitos e deveres e é através da territorialidade que se constrói o poder e desse poder uma sociedade disposta a contribuir para o desenvolvimento do lugar onde vivem. Assim é importante compreender que o território, enquanto apropriação social, nos leva ao conceito de algo móvel e transitório, pois ocorrem diversificadas ações conforme os interesses sendo um campo de forças, relações de poder espacialmente.

O território e suas representações sociais por sua vez, configuram-se como um misto de relações, caracterizados por diferentes tons e intensidades dos poderes interagidos socialmente, assim podemos entender que o território tem uma grande importância para a Geografia, pois em suas dimensões, é sem dúvida um produto do trabalho humano. Nesse sentido, Santos (1994, p.37) opina: “O território é um espaço geográfico dando status de escala geográfica. O território usado é simultaneamente material e social composto por uma dialética, como o espaço geográfico formando redes de relações”. Desse modo, o território vai além de uma simples porção da superfície terrestre, é onde ocorrem as interações de diferentes vertentes que agem nesse espaço e que podem se construir em campo de forças, inclusive e talvez principal relação de poder com espaço, mas em contrapartida Haesbaert (2002, p.118-119) nos traz um novo olhar:

Por outro lado, deve-se valorizar uma ligação natural com a terra, temos uma outra variante dessa interpretação naturalista do território envolvendo o campo dos sentidos e da sensibilidade humana, que seriam moldados pela natureza ou pela paisagem ao seu redor. Esta visão sobrevaloriza e naturaliza uma ligação afetiva, emocional, do homem com o espaço. Aqui o território seria um imperativo não tanto para a sobrevivência física dos indivíduos, mas, sobretudo para o equilíbrio e a harmonia homem-natureza, onde cada grupo social estaria profundamente enraizado a um lugar com o qual se identificaria.

Nessa perspectiva, o autor refere-se a território como o lugar ao qual o indivíduo interage com o meio criando relações pertinentes a sua sobrevivência e bem-estar, valorizando a harmonia e a ligação afetiva emocional. Contudo, foi perceptível que a questão do território frente à Geografia, tem variações de significados, em cada fator uma perspectiva, ora social, econômica, cultural, mas ao final, todos envolvem a questão do poder e suas relações de pertencimento, ou seja, expressa uma ideia de dominação, como destaca Chivallon (1999, p.5),

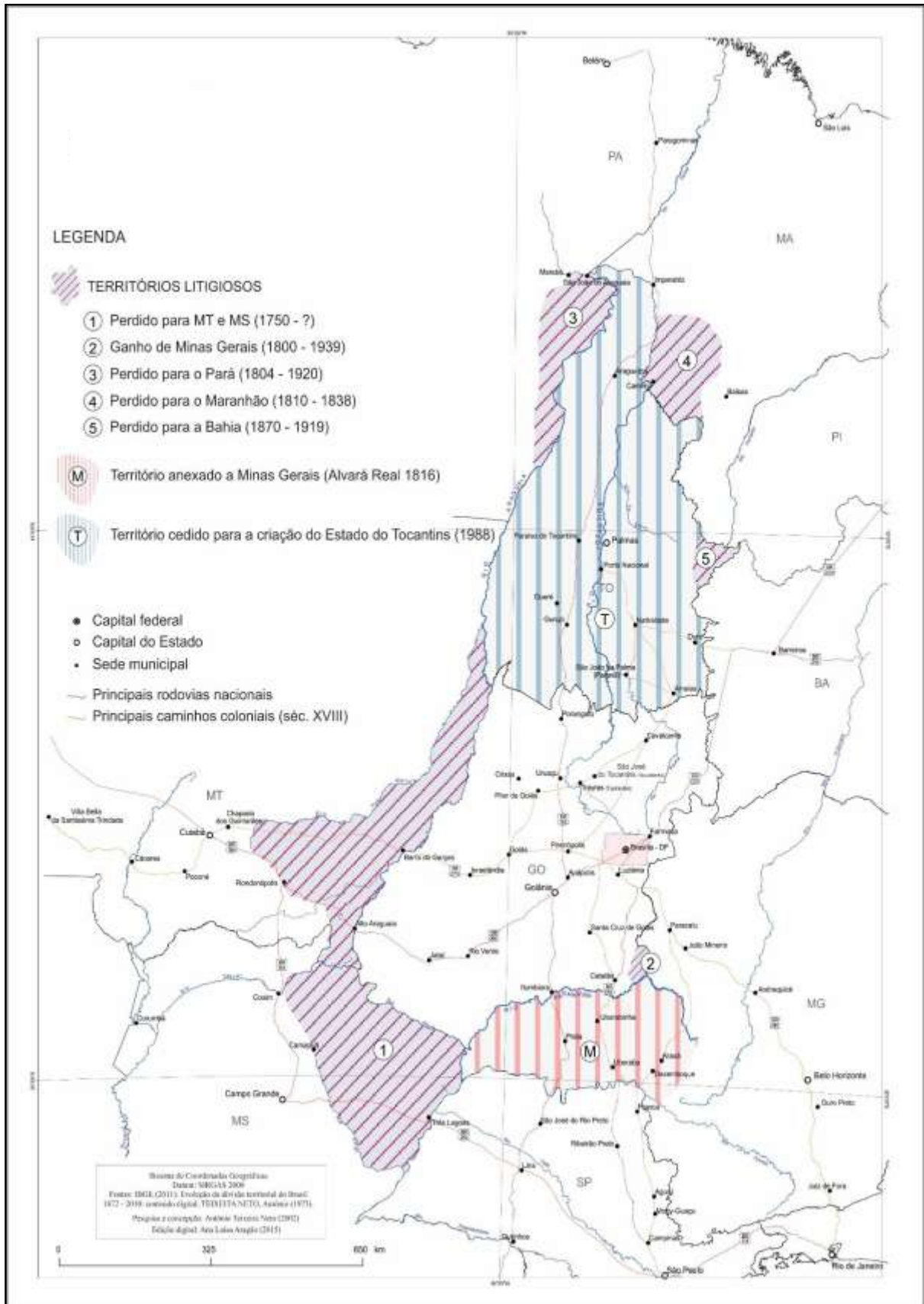
O território é uma espécie de experiência total do espaço que se conjuga em um mesmo lugar os diversos componentes da vida social, harmonia homem-natureza, espaço sobre o qual a sociedade determinada reivindica e garante a todos, mas que respeitam em ações de poder.

Portanto, compreendemos então que apesar de vários olhares e definições trazidas, o importante é que, independentemente do foco analisado, seja como já foi mencionado no campo político, econômico, natural e cultural conceituados pela perspectiva de território, têm em comum a relação de poder.

2.2 Mineração Colonial e Formação Territorial de Goiás

Na perspectiva de Borges (2016) a importância da mineração colonial na formação do território goiano é muito grande, pois foi à base fundante de uma infraestrutura que ligou Goiás ao Brasil e ao mundo, momento de muita interferência externa. Ainda sobre o assunto Palacin e Moraes (2008, p.41) afirmam que “Em Goiás em 1800, além de antigos índios, havia mais de 50.000 habitantes, havia cidades construídas, estradas e caminhos, fazendas em produção”. No mesmo sentido Estevam (2004) destaca que o principal legado da mineração colonial para Goiás foi a delimitação de um extenso território com recursos técnicos e determinada logística urbana e de transporte que sustentou a consolidação do que hoje constitui-se em um estado da federação.

No mapa 2, verifica-se a delimitação do território de Goiás ao longo do seu processo de formação. O que se pode destacar é “que grande parte das demandas litigiosas e posterior definição dos limites do território ocorrem no período da mineração colonial, aproximadamente 1720 a 1820”. (BORGES 2016, p.78).



Mapa 2 – Goiás – Tocantins: formação territorial – 1750 – 1990.

Fonte: BORGES, J. C. P., 2016.

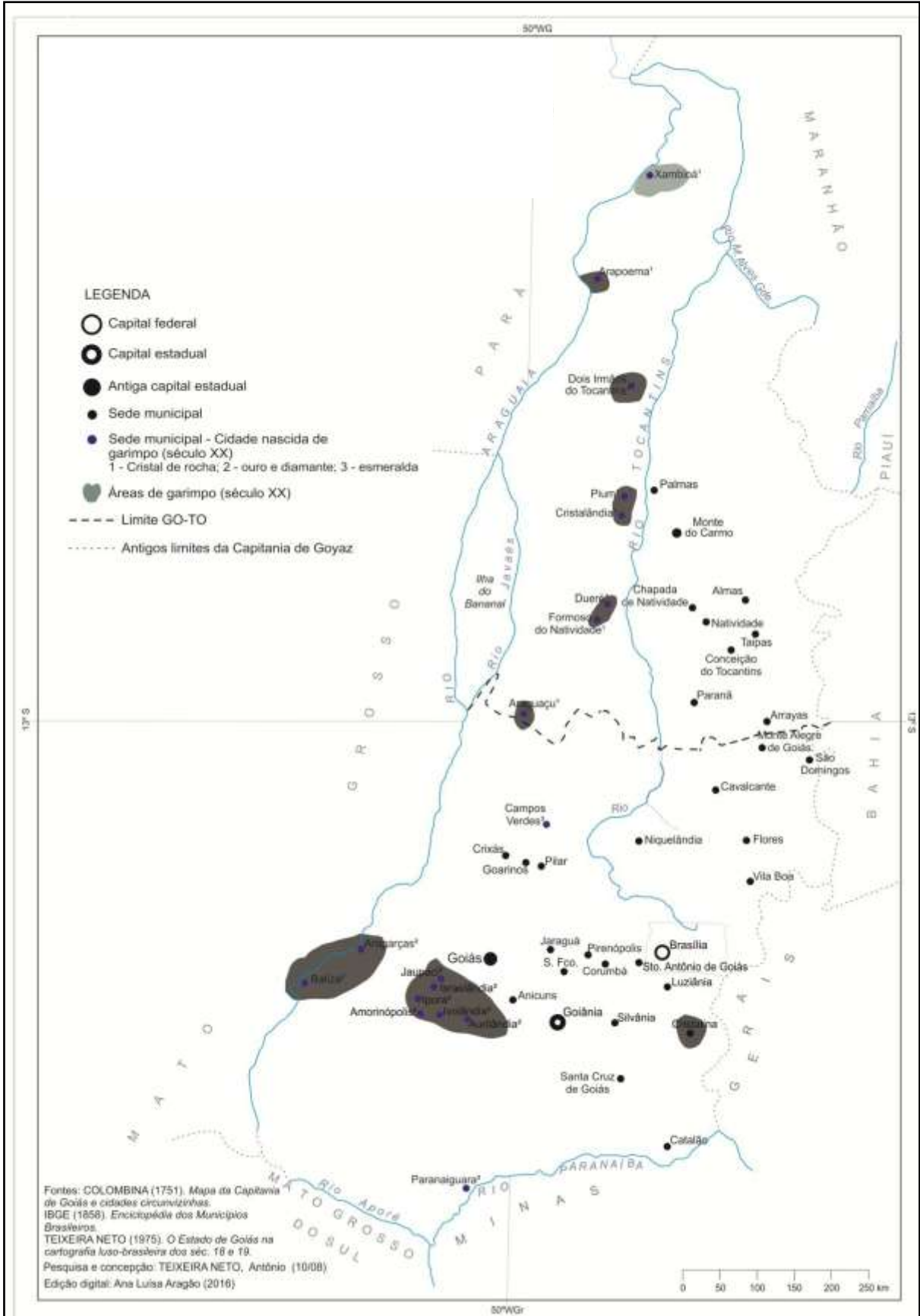
Fato já destacado é que a mineração colonial, deixou sua marca no território goiano, principalmente no que se refere à rede urbana e a rede viária, compostas pelos caminhos e estradas que interligava Goiás a várias regiões do Brasil. Estes serviam como rota do ouro. O que vale destacar é que várias foram as atividades no período destacado, não só o ouro em grande escala foi responsável pelo povoamento do território goiano, destaca-se também os garimpos que ocupavam áreas de menor produção e que além do ouro extraía o diamante, que também, tinha grande valor comercial. O mapa 3 demonstra as cidades surgidas dessa atividade.

De acordo com Gonçalves (2016) tais constatações permitem apreender a cartografia das cidades surgidas dos garimpos em Goiás no século XX e ao mesmo tempo demonstram informações que permitem a compreensão da formação territorial de Goiás a partir da influência mineradora em seu território.

No entanto, apesar dos exemplos demonstrarem a continuidade da atividade mineradora em Goiás após o „século do ouro“ e permitirem ampliar essa classificação de Palacin (1976) para „os séculos da mineração“, sabe-se que ela ocorreu de maneira dispersa, dependente da observação empírica e do conhecimento prático dos garimpeiros, cujo trabalho reproduzia instrumentais e técnicas de extração precárias. Assim, as grandes jazidas minerais do subsolo, que só vieram a serem descobertas e exploradas a partir dos anos 1960 e 1970 reafirmam o pressuposto inicial do *estado de latência do subsolo* goiano até esse período. (GONÇALVES, 2016, p.307).

Ainda de acordo com Gonçalves (2016):

No decurso do século XX, cidades como Arapoema, Pium, Dois Irmãos do Tocantins, Xambioá, Cristalândia, Dueré, Formoso do Araguaia, Araguaçu (todas do atual (2016) Estado do Tocantins), somadas a Cristalina, em Goiás, surgiram do garimpo de cristal de rocha. Outras, como Aragarças, Baliza, Jaupaci, Israelândia, Iporá, Amarinópolis e Ivolândia, localizadas no Oeste Goiano, junto a Paranaiguara, no Sul Goiano, surgiram influenciadas pelos garimpos de ouro e diamantes, especialmente os diamantes dos vales dos rios Claro, Pilões e, sobretudo, Araguaia. Por fim, destaca-se também a cidade de Campos Verdes, no Norte Goiano, que surgiu do garimpo de esmeraldas.



Mapa 3 – Goiás – Tocantins: fatores do povoamento/urbanização.
 Fonte: Gonçalves (2016).

Sendo Palacin e Moraes (2008) o processo de urbanização do território goiano no período colonial é de responsabilidade direta do caráter urbano da mineração. Essa por sua vez se dava de forma dissipava de acordo com a descoberta e o esgotamento das minas, assim como as cidades da época. Nesse sentido, os séculos XVIII e XIX são marcados pelo predomínio da atividade mineradora, que suportava o que para os autores supracitados foi conhecido como urbanização arcaica.

Ainda para Palacín e Moraes (2008) as minas determinavam a localização das cidades, “onde aparece ouro, ali surge uma povoação; quando o ouro se esgota, os mineiros mudam-se para outro lugar e a povoação definha ou desaparece” (p.23), esta foi a dinâmica urbana e o que explica a intermitência da rede urbana de Goiás no período da mineração colonial.

2.3 A Crise do Ouro e Impactos Territoriais em Goiás

A diminuição da produtividade das minas marca o início da decadência da mineração desencadeado pela exaustão das minas superficiais e o fim dos novos descobertos, com isso, a economia entra em estagnação. Condição que acarreta no declínio da população ocasionado pelo fim da imigração e crescimento da emigração e por consequência reflete na desaceleração de vários setores como o comércio responsável pela manutenção da oferta de gêneros oriundos das importações. As cidades passam a ficar obsoletas, pois a razão de sua existência e fluxo era a atividade mineratória.

Como principais razões apresentadas para se entender o declínio da mineração em Goiás, figuram as técnicas rudimentares de extração e exploração das jazidas (ouro de aluvião), a falta de braços para exploração mais intensa das minas, a carência de capitais e uma administração preocupada apenas com o rendimento do quinto. Assim, todo o potencial da capitania era canalizado para a exploração do ouro, o que encarecia, cada vez mais, os bens de primeira necessidade. (CHAUL 2010, p.35).

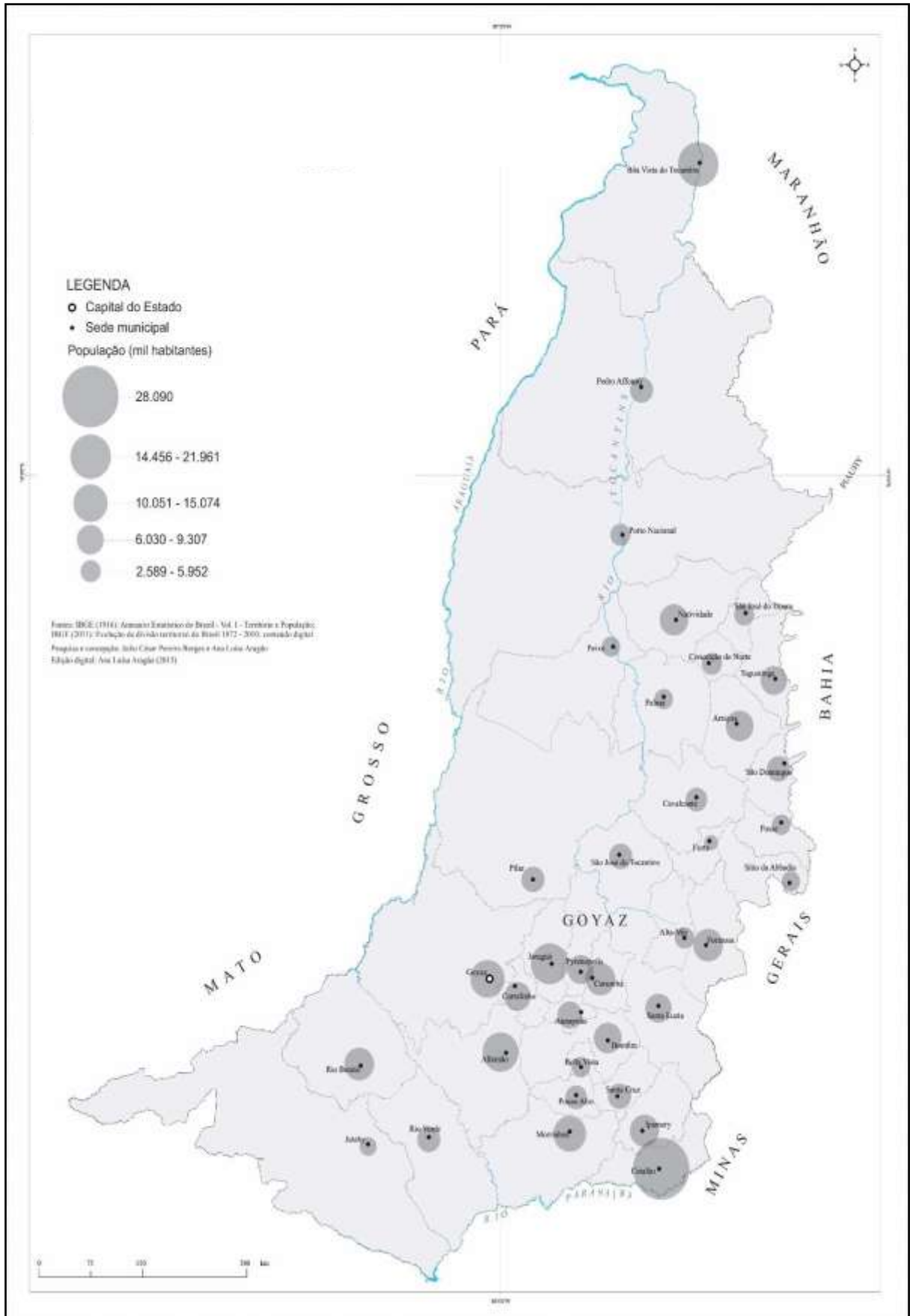
A mineração embora fosse a principal atividade era composta por outras que integralmente viabilizava o sistema mineratório. Para Borges (2016) mineração-lavoura-pecuária constituíram-se no início um complexo interdependente em Goiás, no entanto, sob a égide da primeira. A atividade da agropecuária teve sua origem no período hegemônico da mineração, a qual tinha papel secundário em relação a ela, funcionando apenas como suporte ao alimentar a mineração com produtos agrícolas e pecuários.

O fato a destacar que com a decadência da mineração a agropecuária passa a comandar a produção do território goiano. Segundo Estevam (2004) e Borges (2016) em Goiás, ao passo que decaía a mineração, crescia a atividade agropecuária. Em 1754, a produção de ouro chegou a 29,4 toneladas. Em 1774 reduziu para 10 toneladas. Em 1822 chegou a 6,76 toneladas. Por outro lado, em 1756, havia 500 sítios de lavoura. Em 1796 esse número subiu para 1.647. Em 1828 chegou a 2.380. No que se refere à fazenda de gado, no ano de 1796 havia 522 unidades. Em 1828, 702 estabelecimentos. No lombo das tropas e com a enxada no chão, Goiás ultrapassou as fronteiras do sertão e, com sotaque sertanejo, dialogou com o Brasil.

De acordo com Borges (2016, p.75):

Isso quer dizer que, pela via da pecuária e da agricultura, Goiás continuou em sua formação territorial. A pecuária, e mais tarde a agricultura, manteve ligação com o Sudeste brasileiro. A pecuária dinamizou a organização socioeconômica do território goiano. Longe, então, de determinar a decadência em Goiás, simplesmente iniciou-se uma nova fase de expansão... A ideia de decadência reside na queda da mineração, ou seja, decadência da mineração. Com a atividade agropecuária houve uma reorientação econômica de Goiás. A mineração no período colonial, embora tenha sido importante na formação do território goiano, não teve a mesma força na construção cultural, embora dela tenham restados monumentos históricos em sua maioria esquecidos. Ao contrário da atividade agropecuária que embora de forma diferenciada na atualidade sustentou e sustenta a identidade goiana.

O que se pode dizer é que a principal mudança no território goiano com a crise da mineração, foi a passagem de uma economia com centralidade urbana para uma economia com bases rurais. As cidades da mineração perderam importância, muitas desapareceram ou ficaram relegadas ao esquecimento. Porém, muitas continuaram sustentadas pelo setor agropecuário e outras surgiram pela fiação dessa atividade, como é demonstrado no mapa 4, que revela um novo padrão de urbanização em Goiás, ou seja, na mineração as cidades centralizavam na região centro sul, com a agropecuária as cidades ocuparam quase todo o território. A região Norte, hoje Tocantins, vai ganhar destaque nessa nova estruturação.



Mapa 4 – Estado de Goyaz – divisão territorial e população total: 1907.
Fonte: BORGES, J. C. P., 2016.

Salienta-se que o período da agropecuária houve descentralização surgindo vários outros centros urbanos que dinamizaram a maior parte do território. Isso consiste dizer que a ideia equivocada de decadência cai por terra com a dispersão urbana e populacional, responsável pela dinamização de Goiás. Assim, o período por muitos pesquisadores compreendido como decadência pode ser visto pela sua disposição econômica como dinamizadora do território goiano.

3 A MINERAÇÃO NA ATUAL FORMAÇÃO TERRITORIAL GOIÁS

Neste capítulo a abordagem a ser enfatizada é a dinâmica da mineração em Goiás na atualidade e seus reflexos econômicos, políticos e sociais na atual configuração territorial em Goiás. Dessa forma, permitir que se compreenda o processo evolutivo dessa atividade econômica que impulsionou a economia do estado ao qual influenciou em mudanças significativas em outros aspectos. Dessa forma podemos afirmar que o território goiano favorece o desenvolvimento da exploração mineral por apresentar grandes reservas minerais que vão servir como potenciais econômicos para o fortalecimento do estado.

3.1 O Atual Quadro da Mineração em Goiás

A extração mineral constituiu uma importante atividade para economia do estado de Goiás na atualidade. Essa atividade é responsável por grande parte da arrecadação do estado e diretamente pela sobrevivência de alguns municípios, como é o caso de Niquelândia e Minaçu. Segundo Gonçalves (2016, p.278),

Entre 2004 e 2012, tanto a produção quanto os cálculos da comercialização de substâncias minerais em Goiás conheceram um rápido crescimento. O valor total da comercialização dos minérios explorados no estado saltou de R\$ 2.420.029.419,32 em 2004 para R\$ 6.754.968.359,07 em 2012. Entre os minerais selecionados, o ouro, níquel, cobre e nióbio, experimentaram um processo de ascensão mais significativo, tanto do ponto de vista do volume extraído quando das cifras comerciais. Em 2004, o estado produziu 8.552 kg de ouro, enquanto as vendas deste metal precioso e reluzente resultaram em R\$ 354.872.236,97. Oito anos depois, em 2012, foram 14.956,39 kg de ouro extraídos em Goiás, e um cálculo de R\$ 1.159.939.524,77 do que foi comercializado.

Para Gonçalves (2016) a partir dos anos 1970 tem início em Goiás um incremento de grandes projetos de extrativismo mineral, os quais passaram a compor as estratégias de controle e apropriação da terra, do subsolo e da água nesse estado. De com autor “A mineração em Goiás passou a ser responsável por intensas investidas do capital nacional e estrangeiro nos *territórios cerradeiros*”. (p.247). Nesse sentido, vale destacar que jazidas de amianto, níquel, diamante, ouro, apatita e nióbio se localizam e são exploradas no *Bioma-território Cerrado*. O fato é que a mineração reconfigurou o território goiano na busca de atender os grandes investimentos capitalistas. Gonçalves (2016, p.248) afirma que:

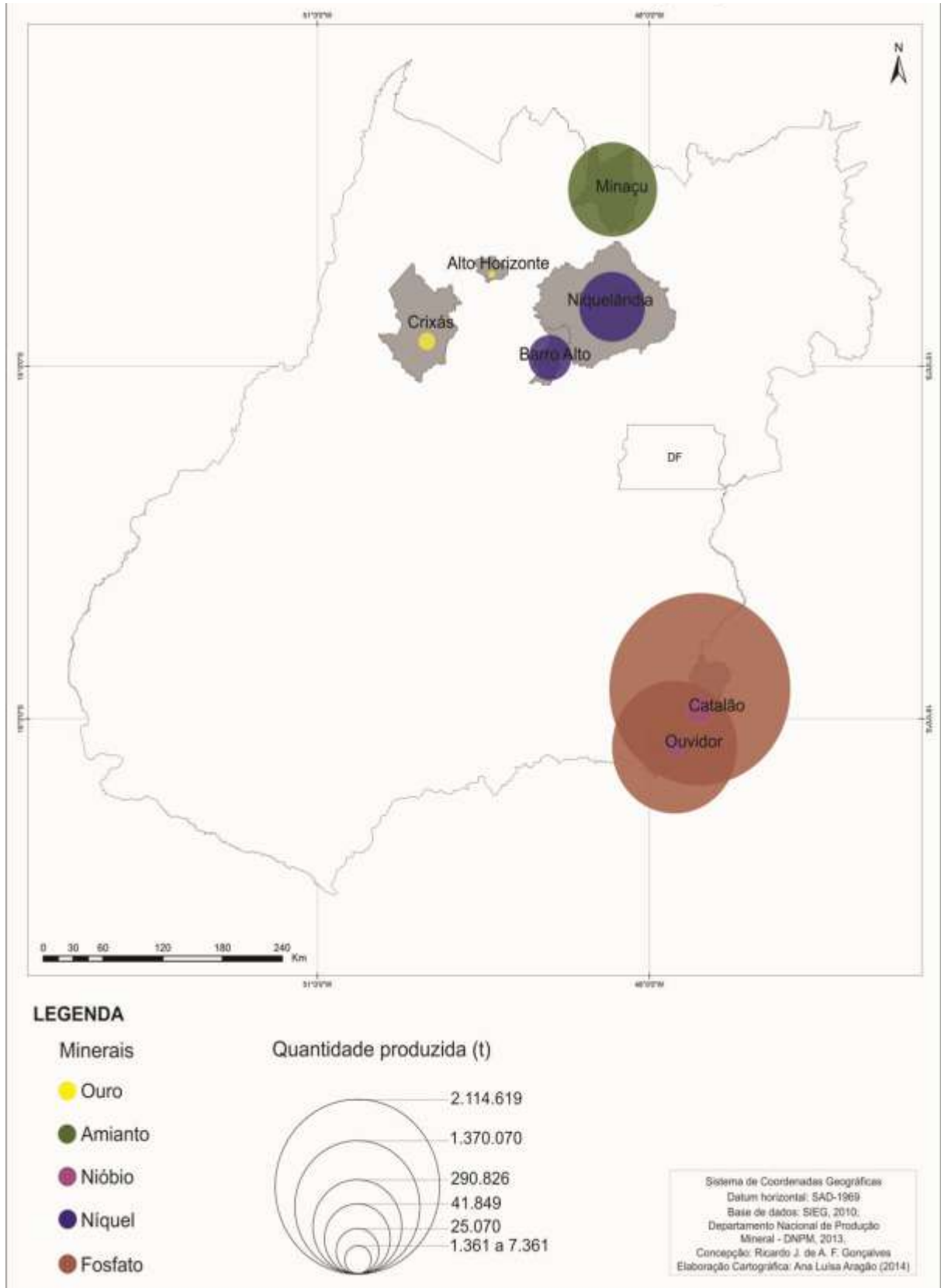
O crescimento dos investimentos e ampliação dos projetos de exploração das jazidas minerais, distribuídas espacialmente em Goiás, como ouro (Crixás, Alto Horizonte, Pilar de Goiás), cobre (Alto Horizonte), amianto (Minaçu), apatita (Catalão, Ouvidor), nióbio (Catalão) e níquel (Americano do Brasil, Niquelândia, Barro Alto), atuação de empresas nacionais e transnacionais (Orinoco Gold, Yamana Gold, Anglo Gold Ashanti e Anglo American, Votorantim) expõem a inserção do território goiano na economia de escala geopolítica nacional e internacional enquanto um dos principais produtores de minérios do país. Isso revela, por consequência, as legendas espaciais dos grandes projetos de extrativismo mineral em Goiás, com destaque para os principais minérios extraídos em seu território.

Seguindo essa perspectiva vale destacar que a região norte é o principal expoente da expansão dos grandes negócios para mineração em Goiás. O mapa 5 revela as legendas espaciais da mineração em Goiás, as quais, revelam sua distribuição desigual no território goiano. Tal desigualdade é determinada pela condição geológica do território goiano, dada a disposição dos recursos minerais.

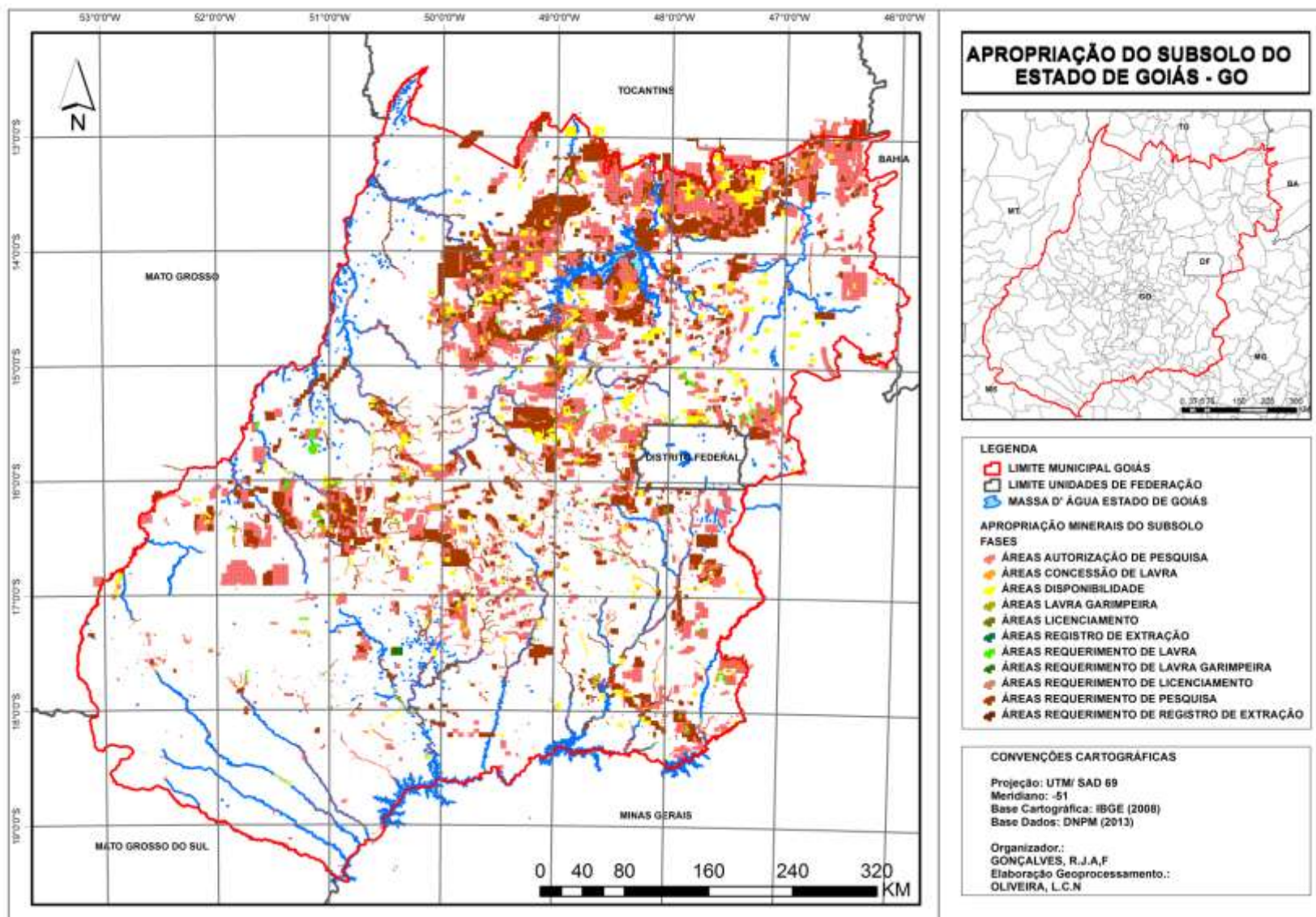
Cabe destacar que embora haja uma concentração dos grandes empreendimentos da mineração no norte do território goiano, há também pesquisas em andamento por todo território. O fato é que o subsolo de Goiás encontra-se todo requerido ou em requerimento para exploração mineral como é demonstrado no mapa 6, o qual expõe o processo de apropriação do subsolo.

Para Gonçalves, do ponto de vista espacial o mapa dos requerimentos e títulos minérios em Goiás está distribuída conforme a geologia do norte, sul, leste e oeste goiano. Isso quer dizer que, no caso específicos dos requerimentos e títulos minérios, distribuídos no mapa geográfico de Goiás a relação entre o controle do subsolo e a exploração mineral das áreas nem sempre coincidem. De acordo com Gonçalves (2016, p.272).

De acordo Almeida (2014) entre a década de 1950 e 1980 houve um *boom* de títulos expedidos no contexto de diversos governos estaduais: Coimbra Bueno (1949-1953), 580 títulos expedidos; Juca Ludovico (1954-1958), 1.737 títulos; Mauro Borges (1969-1964), 4.322; Otávio Lage (1966-1971), 5.907; Leonino Caiado (1971-1975), 1.652; Irapuan Costa Júnior (1975-1979), 1.530; Ary Ribeiro Valadão (1979-1983), 5.993; Iris Rezende (1983-1987), 1.540; Henrique Santillo (1987-1990), 2.025. (ALMEIDA, 2014).



Mapa 5 – Goiás: Legendas Espaciais dos Grandes empreendimentos de mineração – 2013.
Fonte: Gonçalves (2016)



Mapa 6 – Mineração e impactos socioambientais em Goiás.
 Fonte: Gonçalves (2016).

Na discussão sobre a mineração em Goiás vale destacar que essa atividade causou, causa e causarão profundos impactos socioambientais. Por ser uma atividade extrativa atua diretamente na intensa modificação da natureza, além de impactos prejudiciais a saúde humana, ou seja, se a mineração é responsável pela riqueza do território goiano é, também responsável pela destruição ambiental e da saúde do homem, o que entende-se como impactos socioambientais.

De acordo com dados das notícias uol¹, estudos feitos sobre o papel da mineração em referencia ao desmatamento da Amazônia revelou que a atividade foi responsável, direta e indiretamente, por 9,2% de toda a perda florestal registrada no bioma entre 2005 e 2015. Esse estudo foi feito por um grupo de pesquisadores de universidades dos Estados Unidos, da Austrália e do Brasil em pesquisa publicada nesta quarta-feira (18), na revista “Nature Communications”

Como é apontado na reportagem, o trabalho analisou imagens especiais e as mudanças na paisagem em torno das 50 maiores minas ativas da Amazônia. A descoberta é que o corte da floresta se estende por até 70 quilômetros além das fronteiras das lavras, em razão do estabelecimento da infraestrutura, como estradas, ferrovias e aeroportos, e da expansão urbana de suporte para o crescimento da força de trabalho. No período de dez anos avaliado, o desmatamento total induzido pela mineração foi de 11.670 km². A maior parte disso --90%--, aponta o trabalho, ocorreu fora do local de extração. Em outras palavras, a devastação fora das minas foi 12 vezes maior do que dentro.

Outra reportagem que traz detalhes do impacto ambiental causado pela mineração é destaque em *O Popular*² com o título: *Perigo potencial também em Goiás* a centralidade da questão é a iminente possibilidade de rompimentos de barragem como aconteceu em Mariana-MG. Na reportagem destaca que das 8 barragens de rejeitos encontradas em Goiás tem problemas estruturais com risco de rompimento, destacando, na foto de capa o caso de Catalão, onde já houve caso de rompimento. Como pode ser visto nas imagens expostas por Gonçalves (2016).

¹ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/ag-estado/2017/10/18/>>. Acesso em: 18/10/2017.

² Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/cidade/perigo-potencial-tamb%C3%A9m-em-goi%C3%A1s-1.993089>> Acesso em: outubro/2010.



Foto 4, 5, 6 e 7 – Impactos desastrosos causados pelo rompimento da barragem de rejeitos da Fosfertil, em 2004, nas propriedades locais (A), roças camponesas (B), matas ciliares e córregos (C) e na fauna aquática (D).

Fonte: GONÇALVES, R. J. de A. F. 2016.

O fato a destacar é que as transformações no território decorrente da atividade mineratória em Goiás estão no bojo dos grandes empreendimentos capitalistas, os quais, não respeitam a natureza e o ser humano. São responsáveis diretos por conflitos entre as territorialidades, ao desarticularem seu modo de existência, ocupam suas terras e impactam negativamente na natureza e na saúde humana. Gonçalves (2016) retrata essa realidade em Goiás. Ao relatar a situação do Norte do estado com os empreendimentos da mineração afirma:

O Norte de Goiás é constituído por um ambiente cuja geografia milenar das eras geológicas e das ações do intemperismo estrutura os relevos sinuosos, rios, cachoeiras, cavernas, subsolo rico em minerais, e uma vegetação abundante. Também, um território continuamente mapeado para atividades como a mineração, o turismo e as hidrelétricas. Logo, além dos aspectos modelados pela natureza, é ainda um território cuja história não o isentou dos conflitos, da grilagem de terras, das perseguições, dos assassinatos de camponeses, quilombolas e indígenas na “calada da noite”. Além dessas questões, destaca-se também que o Norde Goiano é um território ocupado por Comunidades Quilombolas Kalunga²³⁴, de camponeses, posseiros e famílias de trabalhadores assentados de reforma agrária, que vivem e trabalham na terra. São lugares da vida e da existência coletiva que estão sob o subsolo cujas estratégias de apropriação e controle podem resultar em conflitos com esses sujeitos (superficiais), tanto na etapa da pesquisa (autorizada pelo DNPM) quanto da lavra (concessão do MME).

Gonçalves (2016, p.420) continua a destacar essa realidade ao relatar o impacto da mineração na vida dos camponeses ao afirmar:

Uma observação detida dos problemas socioambientais provocados pelas atividades extrativas de minérios nas Comunidades Camponesas, e destacados nas fontes orais propiciadas pelos camponeses entrevistados, revela que a vida cotidiana desses sujeitos é confrontada com os impactos que as empresas de mineração vêm gerando. Essas constatações expressam passivos socioambientais que atravessam décadas. As condições materiais e imateriais da existência das famílias camponesas que vivem na/da terra tornam-se, assim, sistematicamente arruinadas pelas consequências da atividade mineradora. Destarte, a incompatibilidade entre os empreendimentos minerais e a vida camponesa no entorno das minas fica exposta sem disfarce.

Tomando como base as colocações de Gonçalves destaca-se que no campo dos impactos socioambientais a mineração se tornou uma das atividades mais devastadoras das últimas décadas no mundo. Se o olhar for apenas para a questão da devastação natural já é de extrema violência, mas ao integrar a questão humana essa condição ainda piora. Na verdade os grandes empreendimentos minerais roubam o recurso e a vida dos povos de Goiás, situação que se repete desde a mineração colonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade aurífera constitui importante relevância para economia do estado de Goiás, desde os primórdios de sua história, sendo a extração mineral o início do desenvolvimento econômico e da formação do território goiano. Como foi evidenciada na pesquisa essa atividade envolve profundas marcas no território que compõe a paisagem atual, como o caso das cidades coloniais. Envolve também dimensões políticas e econômicas que perpassam pela história da formação territorial de Goiás, definindo limites, distribuindo populações, definindo caminhos e ligando Goiás ao mundo. Mas, também ocupa uma dimensão maior na atualidade sob o comando dos megaprojetos capitalista, que atua de forma destrutiva da natureza e do ser humano.

Essa diversificada perspectiva cobrou o entendimento que a questão da mineração em Goiás é de uma complexidade maior do que pensada no início da pesquisa. Por isso, sabe-se da sua inexorabilidade, mesmo por que, não havia uma pretensão de esgotar o assunto nesse simples trabalho. O que está posto é a tentativa de revelar parte dessa complexidade sem perder a objetividade que cobra uma monografia e, ainda, não perder o foco da ciência geográfica a qual esta se vincula. Por isso, buscou-se retratar a questão da mineração em Goiás elencando sua condição econômica, política e social.

Seguindo essa perspectiva no primeiro capítulo teve-se como resultado a compreensão da interferência da mineral colonial na paisagem do território goiano, no qual ficou evidenciado o surgimento de vilas, arraiais e cidades estruturadas de acordo com o exigido na época. Tais cidades, de estilo barroco, são hoje mantidas pelo turismo histórico referente à atividade mineratória colonial. Percebeu-se também, que estas cidades traz visível na sua paisagem o poder da igreja católica e mantém invisível a relação de escravidão que caracterizava a força de trabalho naquela época.

No segundo capítulo teve como resultado o entendimento da influência da mineração colonial na formação territorial de Goiás, o que permitiu uma maior compreensão sobre a economia, política e sociedade nesse contexto. Dessa forma, para tem-se a compreensão da importância do território na abordagem geográfica da mineração colonial em Goiás, a qual foi responsável por parte da definição de limites e distribuição da população pelo território, assim como, estruturação urbana e viária que garantiu a ligação de Goiás com o mundo.

No terceiro capítulo chegou-se ao resultado de compreensão da dinâmica da mineração em Goiás na atualidade e seus reflexos econômicos, políticos e sociais na atual

configuração territorial em Goiás. Dessa forma, permitiu que se compreenda o processo evolutivo dessa atividade econômica que impulsionou a economia do estado ao qual influenciou em mudanças significativas em outros aspectos. Mas, também discutiu-se a questão socioambiental que retrata a destruição da natureza e vida humana pelos megaprojetos mineratórios em Goiás.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M, G. de. (Org.) **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural.** Goiânia: Vieira, 2005.
- BORGES, J. C. P. **Fazenda-roça goiana: matriz espacial do sertanejo e do território goiano.** 213f. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia: 2016.
- CHAUL, Nars Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade.** 2ed. Goiânia-GO: UFG, 2002.
- CHAUL, N.N.F. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade.** 3ed. Goiânia: Editora: UFG, 2010.
- CHRISTOFOLETTI. **A modelagem de sistemas ambientais.** São Paulo. Ed. Edgard Blucher Ltda, 1999.
- ESTEVAM, Luís. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás.** 2ed. Goiânia-GO: UCG, 2004.
- ESTEVAM, Luiz. **Tempo de transformação estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás.** Goiânia-GO: Ed. do Autor, 1998.
- GONÇALVES, R. J. de A. F. **No horizonte, a exaustão: [manuscrito]: disputas pelo subsolo e efeitos socioespaciais dos grandes projetos de extrativismo mineral em Goiás - 2016.** DIV, 504 f.: il.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade.** Niteroi-RJ: UFF, 1999.
- LENCIONI. **Região e Geografia.** São Paulo: Edusp, 1999.
- PALACIN, Luiz Moraes, SANT'ANNA, Maria Augusta. **História de Goiás.** 5ed. Goiânia-GO: UCG, 2008.
- PALACIN, Luiz Moraes, SANT'ANNA, Maria Augusta. **História de Goiás.** 6ed. Goiânia-GO: UCG, 1994.
- RAFFESTINI, Claude. **Por uma geografia de poder.** (Trad.) Maria Cecília Franca. São Paulo: Ática, 1996.
- RATZEL, Friedrich. **Geografia do homem.** In: MORAES, Antônio Carlos (org.) FERNANDES, Florestan. São Paulo: Ática, 1990.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova.** São Paulo: Hucitec, 1994.
- SAQUET, Marco Aurélio. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens.** Francisco Beltrão-PR: UNIOEST, 2004.

SAUER. C.O. A morfologia da paisagem. 1925. In: Corrêa, Roberto Lobato. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 1998.

VENTURI. Luiz Antonio Bittar. A **dimensão territorial da paisagem geográfica**. Anais do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos- AGB, Goiânia, 2004.